



# Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

# Literatura



Gil Vicente

*O Velho da Horta*



**Iba Mendes Editor Digital**

[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

# *O Velho da Horta*

## Gil Vicente

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

---

Do ano de 1512.

Livro Digital nº 342 - 2ª Edição - São Paulo, 2018.

Teatro - Literatura Brasileira.

**Gil Vicente**

**(1465/1466 – 1536/1540)**



**Iba Mendes Editor Digital**

**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

# O VELHO DA HORTA



## FIGURAS:

UM VELHO (o proprietário da horta)

UM PARVO (servo do Velho)

MULHER (esposa do Velho)

ALCOVITEIRA (Branca Gil)

UMA MOÇA

UM ALCAIDE (governador de castelo)

BELEGUINS (oficiais de justiça)

*Esta seguinte farsa é o seu argumento que um homem honrado e muito rico, já velho, tinha uma horta: e andando uma manhã por ela esparecendo, sendo o seu hortelão fora, veio uma moça de muito bom parecer buscar hortaliça, e o velho em tanta maneira se enamorou dela que, por via de uma alcoviteira, gastou toda a sua fazenda. A alcoviteira foi açoitada, e a moça casou honradamente. Entra logo o velho rezando pela horta. Foi representada ao mui sereníssimo rei D. Manuel, o primeiro desse nome. Era do Senhor de 1512.*

## VELHO

*Pater noster criador,  
Qui es in coelis, poderoso,  
Santificetur, Senhor,  
nomen tuum vencedor,  
nos céu e terra piedoso.  
Adveniat a tua graça,  
regnum tuum sem mais guerra;  
voluntas tua se faça  
sicut in coelo et in terra.*

*Panem nostrum, que comemos,  
cotidianum teu é;  
escusá-lo não podemos;  
inda que o não mereceremos*

*tu da nobis hodie.*

*Demtttimus* qualquer error  
A os nossos devedores.

*Et ne nos, Deus, te pedimos,*  
*inducas, por nenhum modo,*  
in tentationem caímos  
Porque fracos nos sentimos,  
Tornados de triste lodo.

*Sed libera* nossa fraqueza,  
*nos a malo* nesta vida;  
*Amen,* por tua graça,  
e nos livre tua alteza  
da tristeza sem medida.

*(Entra a Moça na horta e diz o Velho)*  
Senhora, benza-vos Deus,

MOÇA

Deus vos mantenha, senhor.

VELHO

Onde se criou tal flor?  
Eu diria que nos céus.

MOÇA

Mas no chão.

VELHO

Pois damas se acharão,  
que não são vosso sapato!

MOÇA

Ai! Como isso é tão vão,  
e como as lisonjas são  
de barato!

VELHO

Que buscais vós cá, donzela,  
senhora, meu coração?

MOÇA

Vinha ao vosso hortelão,  
por cheiros para a panela.

VELHO

E a isso  
vinde vós, meu paraíso.  
Minha senhora, e não a aí?

MOÇA

Vistes vós! Segundo isso,  
nenhum velho não tem siso  
Natural.

VELHO

Ó meus olhinhos garridos,  
mina rosa, meu arminho!

MOÇA

Onde é vosso ratinho?  
Não tem os cheiros colhidos?

VELHO

Tão depressa vinde vós,  
minha condessa,  
meu amor, meu coração!

MOÇA

Jesus! Jesus! Que coisa é essa?  
E que prática tão avessa  
da razão!

Falai, falai doutra maneira!  
Mandai-me dar a hortaliça.

VELHO

Grão fogo de amor me atija,  
ó minha alma verdadeira!

MOÇA

E essa tosse?  
Amores de sobreposse  
serão os da vossa idade;  
o tempo vos tirou a posse.

VELHO

Mas amo que se moço fosse  
com a metade.

MOÇA

E qual será a desastrada,  
que atende vosso amor?

VELHO

Oh minha alma e minha dor,  
quem vos tivesse furtada!

MOÇA

Que prazer!  
Quem vos isso ouvir dizer  
cuidará que estais vivo,  
ou que sois para viver!

VELHO

Vivo não no quero ser,  
mas cativo!

MOÇA

Vossa alma não é lembrada  
que vos despede esta vida?



VELHO

Vós sois minha despedida,  
minha morte antecipada.

MOÇA

Que galante!  
Que rosa! Que diamante!  
Que preciosa perla fina!

VELHO

Oh fortuna triunfante!  
Quem meteu um velho amante  
com menina!

O maior risco da vida  
e mais perigoso é amar,  
que morrer é acabar  
e amor não tem saída,  
e pois penado,  
ainda que amado,  
vive qualquer amador;  
que fará o desamado,  
e sendo desesperado  
de favor?

MOÇA

Ora, dá-lhe lá favores!  
Velhice, como te enganas!

VELHO

Essas palavras ufanas  
acendem mais os amores.

MOÇA

Oh homem, estais às escuras!  
Não vos vedes como estais?

VELHO

Vós me cegais com tristuras,  
mas vejo as desaventuras  
que me dais.

MOÇA

Não vedes que sois já morto  
e andais contra a natura?

VELHO

Oh flor da mor formosura!  
Quem vos trouxe a este meu horto?  
Ai de mim!  
Porque assim como vos vi,  
cegou minha alma e a vida,  
e está tão fora de si,  
que, em partindo daqui,  
é partida.

MOÇA

Já perto sois de morrer.  
Donde nasce esta sandice  
que, quanto mais na velhice,  
amais os velhos viver?  
E mais querida,  
quando estais mais de partida,  
é a vida que deixais?

VELHO

Tanto sois mais homicida,  
que, quando amo mais a vida,  
ma tirais.

Porque meu tempo d'agora  
vai vinte anos dos passados;  
que os moços namorados  
a mocidade os escora.

Mas um velho,  
em idade de conselho,  
de menina namorado...  
Oh minha alma e meu espelho!

MOÇA  
Oh miolo de coelho  
mal assado!

VELHO  
Quanto for mais avisado  
quem de amor vive penando,  
terá menos siso amando,  
porque é mais namorado.  
Em conclusão:  
que amor não quer razão,  
nem contrato, nem cautela,  
nem preito, nem condição,  
mas penar de coração  
sem querela.

MOÇA  
Onde há desses namorados?  
A terra está livre deles!  
Olho mau se meteu neles!  
Namorados de cruzados,  
isso si!...

VELHO  
Senhora, eis-me eu aqui,  
que não sei senão amar.  
Oh meu rosto de alfeni!  
Que em hora má eu vos vi  
Neste pomar!

MOÇA  
Que velho tão sem sossego!

VELHO

Que garridice me viste?

MOÇA

Mas dissei, que me sentiste,  
remelado, meio cego?

VELHO

Mas de todo,  
por mui namorado modo,  
me tendes, minha senhora,  
já cego de todo em todo.

MOÇA

Bem está, quando tal lodo  
se namora.

VELHO

Quanto mais estais avessa,  
mais certo vos quero bem.

MOÇA

O vosso hortelão não vem?  
Quero-me ir, que estou com pressa.

VELHO

Oh fermosa!  
Toda a minha horta é vossa.

MOÇA

Não quero tanta franqueza.

VELHO

Não pra me serdes piedosa,  
porque, quanto mais graciosa,  
sois crueza.

Cortai tudo, sem partido,  
senhora, se sois servida.  
Seja a horta destruída,  
pois seu dono é destruído.

MOÇA

Mana minha!  
Achastes vos a daninha,  
Porque não posso esperar.  
Colherei alguma coisinha,  
somente por ir asinha  
e não tardar.

VELHO

Colhei, rosa, dessas rosas!  
Minhas flores, colhei flores!  
Quisera que esses amores  
foram perlas preciosas  
e de rubis  
o caminho por onde is,  
e a horta de ouro tal,  
com labores mui sutis,  
pois que Deus fazer-vos quis  
angelical.  
Ditoso é o jardim  
que está em vosso poder.  
Podeis, senhora, fazer  
dele o que fazeis de mim.

MOÇA

Que folgura!  
Que pomar e que verdura!  
Que fonte tão esmerada!

VELHO

N'água olhai vossa figura:

vereis minha sepultura  
ser chegada.

MOÇA (*canta*)

“Cual es la niña  
que coge las flores  
sino tiene amores.

Cogia la niña  
la rosa florida:  
El hortelánico  
prendas le pedia  
sino tienes amores.”

*(Assim cantando, colheu a MOÇA da horta o que vinha buscar e, acabado, diz)*

Eis aqui o que colhi;  
vede o que vos hei de dar.

VELHO

Que me haveis vós de pagar,  
pois que me levais a mi?  
Oh coitado!  
Que amor me tem entregado  
e em vosso poder me fino,  
porque sou de vós tratado  
como pássaro em mão dado  
de um menino!

MOÇA

Senhor, com vossa mercê.

VELHO

Por eu não ficar sem a vossa,  
queria de vós uma rosa.

MOÇA

Uma rosa? Para quê?

VELHO

Porque são  
colhidas de vossa mão,  
deixar-me-eis alguma vida,  
não isente de paixão  
mas será consolação  
na partida.

MOÇA

Isso é por me deter:  
Ora tomai, e acabar!  
*(Tomou o Velho a mão)*  
Jesus! E quereis brincar?  
Que galante e que prazer!

VELHO

Já me deixais?  
Eu não vos esqueço mais  
e nem fico só comigo.  
Oh martírios infernais!  
Não sei por que me matais,  
nem o que digo.

*(Vem um Parvo, criado do Velho, e diz)*

PARVO

Dono, dizia minha dona  
que fazeis vós cá té à noite?

VELHO

Vai-te daí!  
Queres que t'áçoite?  
Oh! Dou ao demo a intrujona  
sem saber!

PARVO

Diz que fosseis vós comer  
e não demoreis aqui.

VELHO

Não quero comer, nem beber.

PARVO

Pois que haver cá de fazer?

VELHO

Vai-te daí!

PARVO

Dono, veio lá meu tio,  
estava minha dona, então ela,  
Foi-se-lhe o lume pela panela  
Senão acertá-lo acario.

VELHO

Oh Senhora!

Como sei que estais agora  
sem saber minha saudade!

Oh! Senhora matadora,  
meu coração vos adora  
de vontade!

PARVO

Raivou tanto rosmear!

Oh pesar ora da vida!

Está a panela cozida,  
minha dona quer jantar.

Não quereis?

VELHO

Não hei de comer desta vez,  
nem quero comer bocado.



PARVO

E se vós, dono, morreis?  
Então depois não falareis  
senão finado.  
Então na terra nego jazer,  
então, finar dono, estendido.

VELHO

Antes não fora eu nascido,  
ou acabasse de viver!

PARVO

Assim, por Deus!  
Então tanta pulga em vós,  
tanta bichoca nos olhos,  
ali, c'os finado, sós,  
e comer-vos-ão a vós  
os piolhos.  
Comer-vos-ão as cigarras  
e os sapos! Morrei! Morrei!

VELHO

Deus me faz já mercê  
de me soltar as amaras.  
Vai saltando!  
Aqui te fico esperando;  
Traze a viola, e veremos.

PARVO

Ah! Corpo de São FERNANDO!  
Estão os outros jantando,  
e cantaremos?!...

VELHO

Fora eu do teu teor,  
por não se sentir esta praga  
de fogo, que não se apaga,

nem abranda tanta dor...  
Hei de morrer.

PARVO

Minha dona quer comer;  
Vinde, infeliz, que ela brada!  
Olhai! Eu fui lhe dizer  
dessa rosa e do tanger,  
e está raivada!

VELHO

Vai tu, filho Joane,  
e dize que logo vou,  
que não há tempo que cá estou.

PARVO

Ireis vós para o Sanhoane!  
Pelo céu sagrado,  
que meu dono está danado!  
Viu ele o demo no ramo.  
Se ele fosse namorado,  
logo eu vou buscar outro amo.

*(Vem a Mulher do Velho e diz)*

MULHER

Hui! Que sina desastrada!  
Fernandeanes, que é isto?

VELHO

Oh pesar do anticristo.  
Oh velha destemperada!  
Vistes ora?

MULHER

E esta dama onde mora?  
Hui! Infeliz dos meus dias!

Vinde jantar em má hora:  
por que vos meter agora  
em musiquias?

VELHO  
Pelo corpo de São Roque,  
vai para o demo a gulosa!

MULHER  
Quem vos pôs aí essa rosa?  
Má forca que vos enforque!

VELHO  
Não maçar!  
Fareis bem de vos tornar  
porque estou tão sem sentido;  
não cureis de me falar,  
que não se pode escusar  
ser perdido!

MULHER  
Agora com ervas novas  
vos tornastes garanhão!...

VELHO  
Não sei que é, nem que não,  
que hei de vir a fazer trovas.

MULHER  
Que peçonha!  
Havei, infeliz, vergonha  
ao cabo de sessenta anos,  
que sondes vós carantonha.

VELHO  
Amores de quem me sonha  
tantos danos!

MULHER

Já vós estais em idade  
de mudardes os costumes.

VELHO

Pois que me pedis ciúmes,  
eu vo-los farei de verdade.

MULHER

Olhai a peça!

VELHO

Que o demo em nada me empeça,  
senão morrer de namorado.

MULHER

Está a cair da tripeça  
e tem rosa na cabeça  
e embeijado!...

VELHO

Deixar-me ser namorado,  
porque o sou muito em extremo!

MULHER

Mas vos tome inda o demo,  
se vos já não tem tomado!

VELHO

Dona torta,  
acertar por esta porta,  
Velha mal-aventurada!  
Saia, infeliz , desta horta!

MULHER

Hui, meu Deus, que serei morta,

ou espancada!

VELHO

Estas velhas são pecados,  
Santa Maria vai com a praga!  
Quanto mais homem as afaga,  
tanto mais são endiabradas! (*Canta*)  
*“Volvido nos han volvido,  
volvido nos han:  
por uma vecina mala  
meu amor tolheu-lhe a fala  
volvido nos han.”*

(*Entra Branca Gil, alcoviteira, e diz*)

ALCOVITEIRA

Mantenha Deus vossa Mercê.

VELHO

Olá! Venhais em boa hora!  
Ah! Santa Maria! Senhora.  
Como logo Deus provê!

ALCOVITEIRA

Certo, oh fadas!  
Mas venho por misturadas,  
e muito depressa ainda.

VELHO

Misturadas preparadas,  
que hão de fazer bem guisadas  
vossa vinda!

Justamente nestes dias,  
em tempo contra a razão,  
veio amor, sem intenção,  
e fez de mim outro Macias

tão penado,  
que de muito namorado  
creio que culpareis  
porque tomei tal cuidado;  
e do velho destampado  
zombareis.

#### ALCOVITEIRA

Mas, antes, senhor agora  
na velhice anda o amor;  
o de idade de amator  
por acaso se namora;  
e na corte  
nenhum mancebo de sorte  
não ama como soía.  
Tudo vai em zombaria!  
Nunca morrem desta morte  
nenhum dia.

E folgo ora de ver  
vossa mercê namorado,  
que o homem bem criado  
até à morte o há de ser,  
por direito.  
Não por modo contrafeito,  
mas firme, sem ir atrás,  
que a todo homem perfeito  
mandou Deus no seu preceito:  
*Amarás.*

#### VELHO

Isso é o que sempre brado,  
Branca Gil, e não me vai,  
que eu não daria um real  
por homem desnamorado.  
Porém, amiga,  
se nesta minha fadiga

vós não sois medianeira,  
não sei que maneira siga,  
nem que faça, nem que diga,  
nem que queira.

ALCOVITEIRA

Ando agora tão ditosa  
louvares a Virgem Maria!  
que logro mais do que queria  
pela minha vida e vossa.  
De antemão,  
faço uma esconjuração  
c'um dente de negra morta  
até que entre pela porta  
que a exorta.  
qualquer duro coração.  
Dizede-me: quem é ela?

VELHO

Vive junto com a Sé.

ALCOVITEIRA

Já! Já! Já! Bem sei quem é!  
É bonita como estrela,  
uma rosinha de abril,  
uma frescura de maio,  
tão manhosa, tão sutil!...

VELHO

Acudi-me Branca Gil,  
que desmaio.

*(Esmorece o Velho e a Alcoviteira começa a ladainha)*

ALCOVITEIRA

Ó precioso Santo Areliano,  
mártir bem-aventurado,

Tu que foste marteirado  
neste mundo cento e um ano;  
Ó São Garcia Moniz,  
tu que hoje em dia  
Fazes milagres dobrados,  
dá-lhe esforço e alegria,  
Pois que és da companhia  
dos penados!

Ó Apóstolo São João Fogaça,  
tu que sabes a verdade,  
Pela tua piedade,  
que tanto mal não se faça!  
Ó Senhor  
Tristão da Cunha, confessor,  
Ó mártir Simão de Sousa,  
pelo vosso santo amor.  
Livrai o velho pecador  
de tal cousa!

Ó Santo Martim Afonso de Melo,  
tão namorado.  
Dá remédio a este coitado,  
e eu te direi um responso  
com devoção!  
Eu prometo uma oração,  
todo dia, em quatro meses,  
Por que lhe deis coração,  
meu senhor São Dom João de Meneses!

Ó mártir Santo Amador  
Gonçalo da Silva, vós,  
que sois o melhor de nós,  
Porfioso em amador  
Apressurado,  
chamai o martirizado  
Dom Jorge de Eça a conselho!



Dois casados num cuidado,  
socorrei a este coitado  
deste velho!

Arcanjo São Comendador  
Mor de Avis, mui inflamado,  
Que antes que fosseis nado,  
fostes santo no amor!  
E não fique  
o precioso Dom Anrique,  
outro Mor de Santiago;  
Socorrei-lhe muito a pique,  
antes que demo repique  
com tal pago.

Glorioso São Dom Martinho,  
apóstolo e Evangelista,  
passai o fato em revista,  
Porque leva mau caminho,  
e dai-lhe espírito!  
Ó Santo Barão de Alvito,  
Serafim do deus Cupido,  
consolai o velho aflito,  
Porque, inda que contrito,  
vai perdido!

Todos santos marteirados,  
socorrei ao marteirado,  
que morre de namorado,  
Pois morreis de namorados.  
Para o livrar,  
as virgens quero chamar,  
Que lhe queiram socorrer, ajudar e consolar,  
Que está já para acabar  
de morrer.

Ó Santa Dona Maria

Ó Anriques tão preciosa,  
Queirais-lhe ser piedosa,  
por vossa santa alegria!  
E vossa vista,  
que todo o mundo conquista,  
Esforce seu coração,  
porque à sua dor resista,  
Por vossa graça e benquista  
condição.

Ó Santa Dona Joana  
de Mendonça, tão fermosa,  
Preciosa e mui lustrosa  
mui querida e mui ufana!  
Dai-lhe vida  
com outra santa escolhida  
que tenho em *voluntas mea*;  
Seja de vós socorrida  
como de Deus foi ouvida  
a Cananea.

Ó Santa Dona Joana Manuel,  
pois que podeis,  
e sabeis, e mereceis  
Ser angélica e humana,  
socorrei!  
E vós, senhora, por mercê,  
Ó Santa Dona Maria  
de Calataúd,  
Por que vossa perfeição lhe dê  
alegria.

Santa Dona Catarina  
de Figueiró, a Real,  
Por vossa graça especial  
que os mais altos inclina!  
E ajudará

Santa Dona Beatriz de Sá:  
Daí-lhe, senhora, conforto,  
porque está seu corpo já  
quase morto.

Santa Dona Beatriz da Silva,  
que sois aquela  
mais estrela que donzela,  
Como todo o mundo diz!  
E vós, sentida  
Santa Dona Margarida de Sousa,  
lhe socorrei,  
Se lhe puderdes dar vida,  
porque está já de partida  
sem porquê!

Santa Dona Violante de Lima,  
de grande estima,  
Mui subida, muito acima  
de estimar nenhum galante!  
Peço-vos eu,  
e a Dona Isabel de Abreu,  
c'ó siso que Deus vos deu,  
Que não morra de sandeu  
em tal idade!...

Ó Santa Dona Maria de Ataíde,  
fresca rosa,  
nascida em hora ditosa,  
Quando Júpter se ria!  
E, se ajudar  
Santa Dona Ana, sem par,  
D'Eça, bem aventurada,  
Podei-lo ressuscitar,  
que sua vida vejo estar  
desesperada.

Santas virgens, conservadas  
em mui santo e limpo estado,  
Socorrei ao namorado,  
que vos vejais namoradas!

VELHO

Oh! Coitado!  
Ai triste desatinado!  
Ainda torno a viver?  
Cuidei que já era livrado.  
ALCOVITEIRA  
Que esforço de namorado  
e que prazer!  
Que hora foi aquela!

VELHO

Que remédio me dais vós?

ALCOVITEIRA

Vivereis, prazendo a Deus,  
e casar-vos-ei com ela.

VELHO

É vento isso!

ALCOVITEIRA

Assim seja o paraíso.  
Que isso não é tão extremo!  
Não curedes vós de riso,  
que eu farei tão de improviso  
como o demo.

E também doutra maneira  
se eu me quiser trabalhar.

VELHO

Ide-lhe, logo, falar

e fazei com que me queira,  
pois pereço;  
e dissei-lhe que lhe peço  
se lembre que tal fiquei  
estimado em pouco preço,  
e, se tanto mal mereço,  
não no sei!

E, se tenho esta vontade,  
que não se deve enojar;  
mas antes muito folgar  
matar o de qualquer idade.  
E, se me aborrece  
Dissei-lhe que mal desama,  
porque minh'alma, que a ama  
não envelhece.

ALCOVITEIRA  
Sus! Nome de Jesus Cristo!  
Olhai-me pela cestinha.

VELHO  
Tornai logo, fada minha,  
que eu pagarei bem isto.

*(Vai-se a Alcoviteira, e fica o Velho tangendo e cantando a cantiga seguinte)*

*Pues tengo razón, señora,  
Razón es que me laa oiga!*

*(Vem a Alcoviteira e diz o Velho)*

Venhais em boa hora, amiga!

ALCOVITEIRA  
Já ela fica de bom jeito;

mas, para isto andar direito,  
é razão que vo-lo diga:  
eu já, senhor meu, não posso,  
vencer uma moça tal  
sem gastardes bem do vosso.

VELHO

Eu lhe pagarei em grosso.

ALCOVITEIRA

Aí está o feito nosso,  
e não em tal.

Perca-se toda a fazenda,  
por salvardes vossa vida!

VELHO

Seja ela disso servida,  
que escusada é mais contenda.

ALCOVITEIRA

Deus vos ajude,  
e vos dê mais saúde,  
que assim o haveis de fazer,  
que viola nem alaúde  
nem quantos amores pude  
não quer ver.

Falou-me lá num brial  
de seda e uns trocados...

VELHO

Eis aqui trinta cruzados,  
Que lhe façam mui real!

*(Enquanto a Alcoviteira vai, o Velho torna a prosseguir o seu cantar e tanger e, acabado, torna ela e diz)*

ALCOVITEIRA

Está tão saudosa de vós  
que se perde a coitadinha!  
Há mister uma vasquinha  
e três onças de retrós.

VELHO

Tomai.

ALCOVITEIRA

A benção de vosso pai.  
(Bom namorado é o tal!)  
pois gastais, descansai.  
Namorados de al! Ai!  
Não são papa nem são sal.

Ui! Tal fora, se me fora!  
Sabeis vós que me esquecia?  
Uma amiga me vendia  
um broche de uma senhora.  
Com um rubi  
para o colo, de marfim,  
lavrado de mil labores,  
por cem cruzados.

VELHO

Ei-los aí!

ALCOVITEIRA

Isto, má hora, isto si  
são amores!

*(Vai-se o Velho torna a prosseguir a sua música e, acabada, torna a Alcoviteira e diz)*

Dei, má-hora, uma topada.  
Trago as sapatas rompidas  
destas vindas, destas idas,

e enfim não ganho nada.

VELHO

Eis aqui  
dez cruzados para ti.

ALCOVITEIRA

(Começo com boa estreia!)

*(Vem um Alcaide com quatro beleguins, e diz)*

ALCAIDE

Dona, levantai-vos daí!

ALCOVITEIRA

Que me quereis vós assim?

ALCAIDE

À cadeia!

VELHO

Senhores, homens de bem,  
escutem vossas senhorias.

ALCAIDE

Deixai essas cortesias!

ALCOVITEIRA

Não hei medo de ninguém,  
viste ora!

ALCAIDE

Levantai-vos daí, senhora,  
daí ao demo esse rezar!  
Quem vos dez tão rezadora?

ALCOVITEIRA



Deixar-me ora,  
na má-hora, aqui acabar.

ALCAIDE

Vinde da parte de el-Rei!

ALCOVITEIRA

Muita vida seja a sua.  
Não me leveis pela rua;  
deixar-me vós, que eu me irei.

BELEGUINS

Sus! Andar!

ALCOVITEIRA

Onde me quereis levar,  
ou quem me manda prender?  
Nunca haverdes de acabar  
de me prender e soltar?  
Não há poder!

ALCAIDE

Nada se pode fazer.

ALCOVITEIRA

Está já a carocha aviada?!...  
Três vezes fui já açoitada,  
e, enfim, hei de viver.

*(Levam-na presa e fica o Velho dizendo)*

VELHO

Oh! Que má- hora!  
Ah! Santa Maria! Senhora!  
Já não posso livrar bem.  
Cada passo se empiora!  
Oh! Triste quem se namora  
de alguém!

*(Vem uma Mocinha à horta e diz)*

MOÇA

Vedes aqui o dinheiro?  
Manda-me cá minha tia,  
que, assim como no outro dia,  
lhe mandeis a couve e o cheiro.  
Está pasmado?

VELHO

Mas estou desatinado.

MOÇA

Estais doente, ou que haveis?

VELHO

Ai! Não sei! Desconsolado,  
que nasci desventurado!

MOCINHA

Não choreis!  
Mais mal fadada vai aquela!

VELHO

Quem?

MOÇA

Branca Gil.

VELHO

Como?

MOÇA

Com cem açoites no lombo,  
uma carocha por capela,  
e atenção!

Leva tão bom coração,  
como se fosse em folia.  
Que pancadas que lhe dão!

VELHO

E o triste do pregão  
Por que dizia:

MOÇA

“Por mui grande alcoviteira  
e para sempre degredada”,  
vai tão desavergonhada,  
como ia a feiticeira.

E, quando estava,  
uma moça que passava  
na rua, para ir casar,  
e a coitada que chegava  
a folia começava  
de cantar:

*ua moça tão fermosa  
que vivia ali à Sé...*

VELHO

Oh coitado! A minha é!

MOÇA

Agora, má hora e vossa!  
Vossa é a treva.  
Mas ela o noivo leva.  
Vai tão leda, tão contente,  
uns cabelos como Eva;  
por certo que não se atreva  
toda a gente!

O Noivo, moço polido,  
não tirava os olhos dela,

e ela dele. Oh que estrela!  
É ele um par bem escolhido!

VELHO

Oh roubado,  
da vaidade enganado,  
da vida e da fazenda!  
Oh velho, siso enleado!  
Quem te meteu desastrado  
em tal contenda?  
Se os jovens amores,  
os mais têm fins desastrados,  
que farão as cãs lançadas  
no conto dos amadores?  
Que sentias,  
triste velho, em fim dos dias?  
Se a ti mesmo contemplaras,  
souberas que não vias,  
e acertaras.

Quero-me ir buscar a morte,  
pois que tanto mal busquei.  
Quatro filhas que criei  
eu as pus em pobre sorte.  
Vou morrer.  
Elas hão de padecer,  
porque não lhe deixo nada;  
da quantia riqueza e haver  
fui sem razão despender,  
mal gastada.



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)